



Maria Alice Barroso e o “Ciclo Parada de Deus”: cinco romances em palimpsesto no chão do Noroeste Fluminense

Maria Alice Barroso and the “Ciclo Parada de Deus”: five palimpsest novels on the ground in the northwest of Rio de Janeiro State

Maria Alice Barroso y el “Ciclo Parada de Deus”: cinco novelas palimpsesto sobre el terreno del noroeste del estado de Rio de Janeiro

 Ana Lúcia Lima da Costa Schmidt E-mail: dr.analucialima@gmail.com

 Universidade Estadual do Norte Fluminense Darcy Ribeiro (UENF), Campos dos Goytacazes, RJ, Brasil



Resumo: Este texto convida o leitor a debruçar-se sobre cinco romances da escritora Maria Alice Barroso pertencentes ao ciclo “Parada de Deus”: *Um Nome Para Matar* [1967], *Quem matou Pacífico?* [1978], *O Globo da Morte* [1981], *A Saga do Cavalo Indomado* [1988] e *A Morte do Presidente ou A Amiga da Mamãe* [1994]. Os cinco romances têm como “chão ficcional” a pequena cidade de “Parada de Deus” e, embora não se apresente cada romance como continuação do anterior, eles se relacionam como num palimpsesto, uma superposição de camadas que demandam o trabalho de leitura para oferecerem-se plenas. A cada leitura, socialmente dada, deposita-se, sobre as já existentes, uma nova camada de significações, que a ele se agrega como um elemento a mais de sua história. Cada uma dessas camadas constitui, a sua vez, um outro texto, que adotará a forma escrita num outro livro do ciclo e adquirirá existência social e especificidade literária.

Palavras-chave: palimpsesto; construção textual; linguagem; romances.

Abstract: This text invites the reader to delve into five novels by writer Maria Alice Barroso that belong to the “Parada de Deus” cycle: *Um Nome Para Matar* [1967], *Quem matou Pacífico?* [1978], *O Globo da Morte* [1981], *A Saga do Cavalo Indomado* [1988] and *A Morte do Presidente ou A Amiga da Mamãe* [1994]. The five novels have as their “fictional ground” the small town of “Parada de Deus” and, although each novel is not presented as a continuation of the previous one, they relate to each other as a palimpsest, an overlapping of layers that require the work of reading in order to fully present themselves. With each socially given reading, a new layer of meanings is deposited on top of the existing ones, which is added to it as another element of its story. Each of these layers constitutes, in turn, another text, which will adopt the written form in another book of the cycle and will acquire social existence and literary specificity.

Keywords: palimpsest; textual construction; language; novels.

Resumen: Este texto invita al lector a profundizar en cinco novelas de la escritora Maria Alice Barroso pertenecientes al ciclo “Parada de Deus”: *Um Nome Para Matar* [1967], *Quem matou Pacífico?* [1978], *O Globo da Morte* [1981], *A Saga do Cavalo Indomado* [1988] y *A Morte do Presidente ou A Amiga da Mamãe* [1994]. Las cinco novelas tienen como “fondo ficticio” el pequeño pueblo de “Parada de Deus” y, aunque cada novela no se presenta como una continuación de la anterior, se relacionan entre sí como en un palimpsesto, una superposición de capas que exigen el trabajo de lectura para presentarse en su totalidad. Con cada lectura socialmente dada, una nueva capa de significados se deposita sobre las existentes, que se añade a ella como un elemento más de su historia. Cada una de estas capas constituye, a su vez, otro texto, que adoptará forma escrita en otro libro del ciclo y adquirirá existencia social y especificidad literaria.

Palabras clave: palimpsesto; construcción textual; lenguaje; novelas.

Introdução

O palimpsesto, segundo o *Dicionário de Termos Literários*, de Massaud Moisés [1978], deriva do grego: *pálin* = novamente, *psestos* = raspado, borrado. Na antiguidade, como o pergaminho e o couro eram materiais caros, os escribas reutilizavam diversas vezes os mesmos manuscritos colocando-os numa dissolução de água de cal para assim os despojarem das primeiras escritas que eles continham.

Tais couros e manuscritos, depois de raspados e alisados com pedra-pomes, eram aproveitados várias vezes para novos escritos.

A imagem do palimpsesto foi utilizada pela crítica literária para colocar em primeiro plano o fato de que todo ato de escrever ocorre na presença de outros – textos falam através de outros textos. Palimpsestos subvertem o conceito do autor como única fonte geradora de sua obra, assim o significado da obra é atribuído a uma cadeia interminável de significações.

Gerard Genette chamou esse recurso de literatura de segunda mão, em *Palimpsesto*, publicado em 1982.

Um palimpsesto é um pergaminho cuja primeira inscrição foi raspada para se traçar outra, que não a esconde de fato, de modo que se pode lê-la por transparência, o antigo sob o novo. Assim, no sentido figurado, entenderemos por palimpsestos [mais literalmente: hipertextos] todas as obras derivadas de uma obra anterior, por transformação ou por imitação. Dessa literatura de segunda mão, que se escreve através de leitura, o lugar e a ação no campo literário geralmente, e lamentavelmente, não são reconhecidos. Tentamos aqui explorar esse território. Um texto pode sempre ler um outro, e assim por diante, até o fim dos textos [Genette, 2010, p. 5].

Percebemos que o caráter de palimpsesto dos romances de Maria Alice Barroso tem resistente alicerce no curso da literatura universal e brasileira. Dá ele ainda um passo à frente, pois, ao mesmo tempo que a autora monta o seu texto a partir de outros, reescreve os próprios. Daí o processo de recorrência em suas montagens ao retomarem componentes das anteriores, num trabalho de raspagem para recomposição, labor efetivamente de palimpsesto em que do raspado se podem perceber proeminentes resquícios. Trazê-los à tona se torna então um trabalho de desvelamento de “resíduos”.

Os romances do ciclo Parada de Deus começam com *Um nome para matar* [Barroso, 1967]. Todos os outros quatro romances do ciclo são como extensões dessa narrativa, não se configuram como continuação. Uma narrativa acaba por retomar a outra enquanto retoma também palimpsesticamente a história da pequena cidade de Miracema, no noroeste fluminense, terra natal da autora.

O “ciclo Parada de Deus” e o palimpsesto

Com *Um Nome para Matar*, escrito em 1967, e um dos romances apontados por João Guimarães Rosa, Antônio Olinto e Jorge Amado para a lista de vencedores do II Prêmio Nacional Walmap nesse mesmo ano, inicia-se o ciclo “Parada de Deus”, espaço ficcional, identificado com o Noroeste Fluminense, região natal da autora. O ciclo através do qual transitam os personagens teve continuidade com o romance *Quem Matou Pacífico?* [Barroso, 1978], *O Globo da Morte: Divino das Flores* [Barroso, 1981] e *A Saga do Cavalo Indomado* [Barroso, 1988], ganhador do prêmio Jabuti de 1988, e termina com o livro *A Morte do Presidente ou a Amiga de Mamãe* [Barroso, 1994]. Embora os cinco romances se relacionem em palimpsesto, um não constitui a continuação do outro.

O ciclo Parada de Deus se apresenta como a história de um feudo do Noroeste do Estado do Rio de Janeiro dominado pela família Moura Alves. A ação do ciclo conta cerca de 150 anos de dominação política da família nesse espaço, apresenta os inimigos políticos da família principal e toda a sorte de figuras regionais.

Maria Alice configura seu ciclo diferentemente do que arranhou José Lins do Rego com seu ciclo da cana-de-açúcar, no qual narra a vida do personagem principal, Carlos de Melo, da infância à velhice numa espécie de continuidade. A autora apresenta a história completa da família Moura Alves no primeiro livro do ciclo: *Um Nome Para Matar* [Barroso, 1967]. Os outros quatro, se configuram como detalhes de personagens e histórias já esboçadas e citadas no primeiro livro, acrescentando detalhes, dando destaque a determinada personagem que no texto primeiro foi apenas citada ou esboçada sempre retomada palimpsesticamente.

Além de um livro retomar partes e assuntos de outro livro do ciclo, apresentando-se cada história como “uma sombra ou resíduo” sob a nova ficção, a narrativa contém muitas ações históricas da cidade de Miracema, terra natal da autora, espaço que lhe forneceu muitos casos reaproveitados palimpsesticamente na sua história.

Em *Um Nome Para Matar* [Barroso, 1967], o tema central da narrativa é o assassinato de Maria Corina, esposa de Oceano de Moura Alves, podendo o crime ter sido realizado pelo marido enciumado, por um dos capangas do marido ou ainda um suicídio. Palimpsesticamente, Barroso toma de empréstimo um crime ocorrido em sua cidade natal nos mesmos termos. A esposa de um chefe político da cidade aparece morta, surgindo o questionamento se haveria ocorrido suicídio ou ela teria sido morta pelo marido que não conseguira conter seus ciúmes de uma mulher expansiva e alegre. Vários pontos em comum com o fato histórico, como o assassinato do possível amante da esposa, as circunstâncias desse assassinato, entre outras coincidências, destacam esse palimpsesto da história local, a qual aparece como um “ruído” sob a ficção barrosiana.

No livro *Quem Matou Pacífico?* [Barroso, 1978] é dado destaque para o irmão de Oceano, Pacífico de Moura Alves, proprietário da fazenda Santana, um déspota, amante da filha do coveiro de “Parada de Deus”, a Luzia, uma moça ruiva, que monta a cavalo no próprio pelo e não pertence a ninguém. Pacífico já nos fora apresentado no primeiro livro do ciclo. O segundo livro dá destaque ao personagem especificando partes já citadas anteriormente.

Nesse ponto, outro palimpsesto ganha destaque com a personagem Luzia relacionada a uma figura popular e conhecida na pequena Miracema, a Tereza do coveiro. As ações de Luzia e Tereza, a origem materna das duas [ambas são filhas de uma prostituta] e o fato de as duas personagens serem filhas do coveiro da cidade apresentam um outro palimpsesto da história local.

Com o assassinato do personagem principal, Pacífico de Moura Alves, Maria Alice Barroso inaugura com seu livro, o primeiro romance policial ambientado no meio rural, e cria, à moda Conan Doyle, seu detetive dedutivo, o delegado perneta Tonico Arzão.

Segundo Hélio Pólvora, no prefácio da 3ª edição do livro,

O mais certo seria considerar-se um gênero de literatura policial bem definido, e os elementos de ficção policial que se espraiam pelo sistema sanguíneo da ficção em geral. A fronteira exata seria medida pelo ângulo de visão do romancista, pela sua capacidade ou propósito de equiparar o jogo aos problemas universais da condição humana. Nesse caso, as convenções menores de *Quem Matou Pacífico?*, forçadas pela fidelidade a um gênero popular se diluem no quadro mais amplo de uma ficção, a brasileira, atenta a vários desdobramentos que partem da novelística regional. Surpreendentemente,

este novo romance de Maria Alice tem as suas raízes na terra: é um ensaio sobre o patriarcalismo fluminense – e Tonico Arzão, o delegado de perna de pau, êmulo subdesenvolvido de Poirot, é seu sociólogo [Pólvora, 1978, p. 8].

É esse mesmo detetive que traz, através das suas memórias, de modo palimpséstico, parte da ação narrada em *Um Nome Para Matar* [Barroso, 1967], quando se refere à Maria Corina, esposa de Oceano de Moura Alves, irmão de Pacífico, neste momento já falecida

‘Ah, Maria Corina’, ele pensou, ‘como teu marido ficou diferente: se ocê tá vendo tudo isso, deve estar bem admirada’. Esse pensamento provocou uma sensação de desconforto no delegado, que estugou o passo, baforando seu charuto: tinha a impressão de ter solucionado aquele crime só pela metade enquanto não descobrisse a verdade [Barroso, 1978, p. 138].

Cabe lembrar que a esposa de Oceano não aparece nem uma vez antes nesse livro, assim como outros personagens que aparecem em forma de palimpsesto de outras narrativas, como se pode observar nas duas citações que se seguem, a primeira de *O Globo da Morte: Divino das Flores* [Barroso, 1981] e a segunda de *A Saga do Cavalo Indomado* [Barroso, 1988], dois livros que ainda ganhariam forma na formação do ciclo. As duas ações já haviam sido esboçadas em *Um nome para matar*.

O último crime que chegara realmente a abalar a cidade acontecera em 1935, quando fora assassinado o alemão Hans, motociclista do Circo Parlagrecco: esse crime podia ser qualificado, em linguagem policial, como ‘um assassinato com requintes de crueldade’ [Barroso, 1981, p. 126].

e

Tínhamos uma tradição de violência que nos fora legada pelo fundador da cidade, Chico das Lavras, que disputara seu feudo com um bando de malfeitores, vencendo a luta com o famoso tiro disparado contra Teodorico-o-cigano [Barroso, 1988, p. 126].

No terceiro livro do ciclo, *O Globo da Morte: Divino das Flores* [Barroso, 1981], conhecemos mais detalhadamente os inimigos políticos dos Moura Alves, os Caetano de Melo, moradores de “Divino das Flores”, um dos distritos de “Parada de Deus”. Como veremos no início da narrativa:

O litígio dos Caetano de Melo com os Moura Alves é tão antigo e profundo que ele começou como devem começar todas as desavenças entre duas famílias: com uma firme amizade. [...] A inimizade só foi se instalando, pouco a pouco, entre as duas famílias depois que seus chefes morreram [Barroso, 1981, p. 20].

Temos ainda, neste livro, a história do circo Parlagrecco e o desvendamento pelo delegado Tonico Arzão de um crime nele ocorrido cuja vítima foi o motociclista do globo da morte chamado Hans.

Configurando-se com um “galho” da “árvore mãe”, que é o primeiro livro do ciclo, *Um Nome Para Matar* [Barroso, 1967], este terceiro romance acrescenta dados sobre o distrito de Parada de Deus e descreve mais detalhadamente os inimigos dos Moura Alves. Aparecem personagens já descritos anteriormente e citações em forma de palimpsesto do primeiro romance como em:

Segundo tio Zepino o enterro de Hans – como tudo o mais que sucedera aos integrantes do Parlagrecco ali em Divino das Flores – fora o mais estranho que ele já vira em toda a sua vida: nem mesmo o de Maria Corina, mulher de Oceano de Moura, em que o marido pagara às prostitutas para acompanharem o enterro a fim de estender ao túmulo o juízo que fazia da mulher [Barroso, 1981, p. 239].

Mais uma vez a menção à Maria Corina, personagem central do primeiro romance, que ainda não tinha sido citada neste livro. A todo o momento, essas retomadas a partir do fluxo da memória emergem de um livro em outro, palimpsesticamente.

A ação narrada em *A Saga do Cavalo Indomado* [Barroso, 1988], o quarto livro do ciclo, por exemplo, precede cronologicamente as outras histórias. Ocorrem notícias prévias, apresentação de personagens, narrativas ulteriores de eventos registrados naquelas histórias, o que contribui, de certo modo, para a comprovação das hipóteses, entre elas, de que a narrativa de Maria Alice se nos oferece num arranjo de palimpsesto no qual são tomados a cada nova narrativa romanesca elementos de narrativas anteriores não como continuação da história narrada anteriormente, mas como um novo olhar sobre o já-dito.

A Saga do Cavalo Indomado [Barroso, 1988] é um palimpsesto da fundação da cidade de Miracema. A chegada de Chico das Lavras, o fundador de Parada de Deus, em tudo se assemelha à fundação de Miracema, feita por Dona Ermelinda Rodrigues Pereira, vinda também de Minas Gerais atrás de terras devolutas.

Semelhantemente e ainda por palimpsesto, Dona Ermelinda e Chico das Lavras mandam construir uma igreja para que o filho pudesse ser o pároco. Esse desejo de Dona Ermelinda não pôde se realizar porque seu filho se apaixonou por uma indígena e não chegou a se ordenar, enquanto no palimpsesto de Maria Alice Barroso, José Inácio, único filho homem de Chico das Lavras, também não assume a igreja construída por seu pai porque desistiu do seminário para se casar com Glorinha.

Na obra *A Saga do Cavalo Indomado* [Barroso, 1988], Chico das Lavras, além de ser considerado um importante chefe político, também é bastante conhecido por sua imensurável devoção ao Cristo-Rei, nome que o personagem utiliza para se referir a Jesus Cristo. Nas primeiras páginas do livro, Maria Alice Barroso revela o motivo de tamanha religiosidade:

Fora ele – e não o irmão – que o Cristo-Rei escolhera a fim de aparecer num descampado, com Seu grande manto cor de sangue, cegando os escravos com Sua luz, para dizer com voz grossa e autoritária: “Nestas terras ocê vai procurar ouro, Chico, e este ouro ocê empregue na fundação de uma cidade que deverá ter o meu nome, para maior honra e glória minhas” [Barroso, 1988, p. 30].

É exatamente nessa cidadezinha construída por Chico das Lavras e chamada, posteriormente, de Parada de Deus, que se passa o enredo de *A Saga do Cavalo Indomado* [Barroso, 1988].

Ao analisar o contexto que permeia a fundação de Parada de Deus, torna-se evidente que determinados aspectos da fundação de Miracema se assemelham à dessa cidade fictícia, conforme reitera a autora, na apresentação que elaborou para a Coleção Páginas Amarelas:

Esse canto geográfico, para mim, se chama Parada de Deus, com dois distritos, Divino das Flores e Campo Santo. Claro que Miracema, minha terra natal, ao norte do Estado do Rio, tem muito a ver com tudo isso: a população, no entanto, me atribui um dom de descrever a cidade e seus habitantes que eu, verdadeiramente, não possuo [Barroso, 1988, p. 17].

Em relação aos aspectos coincidentes entre a fundação de Miracema e a fundação de Parada de Deus, encontra-se a edificação de uma capela. Nesse contexto, Maria Alice Barroso relata em *A Saga do Cavalo Indomado* [Barroso, 1988]:

E foi assim que o vilarejo de Parada de Deus começara a surgir pouco adiante do sítio em que o ex-tropeiro passara às escavações, o produto da venda do ouro sendo empregado principalmente no material para a construção de uma capelinha e nas armas que eram necessárias para que ele, Chico das Lavras, pudesse rechaçar os bandidos que surgiam atraídos pelos rumores de que existia ouro no lugar [Barroso, 1988, p. 31].

Por outro lado, Ruy Barreto, em *Odisseias brasileiras* (2016), descreve sobre a fundação de Miracema:

Algum tempo depois, Ermelinda decidiu reservar uma área em numa pequena elevação de sua propriedade para erguer uma capela em devoção e agradecimento ao seu padroeiro, Santo Antônio, por sua família ter chegado a seu destino e ser tão feliz. Para isso, doou uma grande área para o patrimônio da capela, cerca de 25 alqueires [Barreto, 2016, p. 161].

Ainda no contexto que aborda a construção da capela, observam-se outros dois elementos coincidentes. O primeiro refere-se ao desejo que o ex-tropeiro e Dona Ermelinda nutriam de delegar a igreja ao comando de seus respectivos filhos, José Inácio e Manoel, enquanto o segundo remete ao não cumprimento dos anseios dos pais, tendo em vista que José Inácio fugiu para se casar com Glorinha, seu amor de infância, e Manoel se casou com uma índia.

Além desses aspectos coincidentes, nota-se que, assim como Dona Ermelinda, Chico das Lavras também saiu do estado de Minas Gerais com a intenção de desbravar outras terras, conforme explicita Maria Alice Barroso em *A Saga do Cavalo Indomado* [Barroso, 1988]:

Nunca estivera tão certo de que estava cumprindo uma missão no mundo, e fora para cumprir essa missão que o Cristo-Rei o retirara do povoado de Vila do Príncipe, em Minas Gerais, guiando as bestas do seu irmão mais velho [Barroso, 1988, p. 29 e 30].

A fim de mencionar a premissa referente à saída de Dona Ermelinda de Minas Gerais, Ruy Barreto, em *Odisseias brasileiras* (2016), afirma:

Ermelinda devia ser uma senhora de alguns recursos, muita personalidade, coragem e fé no futuro, assim como as mulheres da sua família, e resolveu mudar-se de Remédios para a Zona da Mata fluminense, tal como fizeram Francisco Leite Ribeiro, Monteiro de Barros e muitos outros [Barreto, 2016, p. 143].

Em conformidade com essas semelhanças, encontra-se a imagem do coronel Firmo de Araújo, conhecido por ser uma “[...] figura respeitada, temida, adorada, que governava Palma [...]” [Monteiro, 1996, p. 9]. Em *A Saga do Cavalo Indomado* [Barroso, 1988], Maria Alice Barroso faz alusão a esse líder político de maneira implícita:

O fato que mais se comentara e que se dera logo em seguida à fuga do casal fora o encontro entre Chico das Lavras e Zeca de Araújo, o assim chamado “Descolorido” ou “Malhado” – apelido que ninguém ousava dizer em tom mais alto – devido à forte dermatose que esbranquiçava seu rosto e suas mãos. Ele era o chefe político de Várzea da Palma, comandando um bando de capangas [...] [Barroso, 1988, p. 247].

Nesse viés, cabe ressaltar que Palma é uma cidade localizada próximo ao município de Miracema. Nesse contexto, além da semelhança que envolve o sobrenome desse líder político e o local governado por ele, notam-se outras relacionadas à postura autoritária de Firmo de Araújo: “A alegação para tal atitude, fornecida pelos chefes do movimento, era a de que Firmo, em suas fazendas, abrigava e dava guarida a assassinos e ladrões de gado” [Monteiro, 1996, p. 9].

Nessa mesma perspectiva, Maria Alice Barroso, ao relatar sobre o encontro de Chico das Lavras com Zeca de Araújo, diz que esse “[...] não era somente um chefe político, mas também o chefe de um bando de ladrões de cavalo e de gado [...]” (Barroso, 1988, p. 249).

O último ponto consoante entre o coronel Firmo de Araújo e a personagem Zeca de Araújo refere-se à história de que esse governante obrigava certas famílias a entregarem suas filhas ao grupo que ele integrava:

“O que é mais doloroso, chegavam mesmo as raías do vandalismo, forçando muitas mulheres a abandonarem seus lares para segui-los. Davam-se cenas dantescas: um honrado amigo, chefe de família em Palma, recebeu uma carta atrevidíssima, intimando-o a entregar ao bando duas filhas solteiras e que estavam ainda sob o seu pátrio poder” (Monteiro, 1996, p. 19).

Em *A Saga do Cavalo Indomado* (Barroso, 1988), ganhador do prêmio Jabuti de 1989, nos é apresentado mais detalhadamente Chico das Lavras, anteriormente chamado Chico das Bestas, o primeiro da linhagem dos Moura Alves. Conhecemos neste texto a motivação do deslocamento da personagem para um lugar situado “no norte fluminense, divisa com Minas Gerais” e a fundação, no local, de uma vila intitulada “Parada de Deus”, um verdadeiro feudo constituído por cinco imensas fazendas às quais foram agregadas mais duas por ocasião do casamento com Sinhá Dina. Conhecemos os filhos de Chico das Lavras, suas imposições familiares, como o desejo irrefutável de entregar todos eles, os filhos, ao serviço da Igreja. Conhecemos sua amante, a costureira Didila, mantida dentro da própria residência a despeito da dor imputada à esposa. Conhecemos, principalmente, Maria Olegária e José Inácio, cujas histórias se desdobrarão ainda mais que outras nos outros livros do ciclo.

Para quem vive na cidade natal da autora, a história narrada neste livro do ciclo guarda muitas semelhanças com a história de fundação da cidade. A origem da fundadora, os propósitos de seu deslocamento de Minas Gerais até o Noroeste Fluminense, seu estabelecimento aqui, até a construção de uma Igreja com a intenção de permitir que seu filho seminarista pudesse ser o pároco, tão logo fosse ordenado.

Exatamente como na trama do patriarca Chico das Lavras. A história da fundação de Miracema, estado do Rio de Janeiro aparece como uma história sob a história de Parada de Deus tal como uma tinta que não pode ser “raspada” suficientemente com a “pedra-pomes”, tal como no palimpsesto.

Ainda neste livro, os palimpsestos ocorrem de modo mais abundante. Há a retomada da história principal de *Um Nome Para Matar* (Barroso, 1967), que é a morte de Maria Corina, em vários momentos da narrativa, como na p. 258:

Tonico Arzão previra cada lance do que ia suceder no desenlace de Maria Corina até ela ser encontrada morta, em seu leito, na fazenda do Degredo.

E logo adiante, na página seguinte, o fluxo de memória em palimpsesto da autora nos leva para a narrativa do segundo livro do ciclo: *Quem Matou Pacífico?* (Barroso, 1978)

E o próprio Oceano que, muito mais tarde, ainda na qualidade de prefeito, convidara Tonico a ocupar a delegacia de Parada de Deus. E foi como delegado que Tonico solucionou o mistério que cercava o assassinato de Pacífico de Moura Alves, irmão de Oceano, que recebera dois tirambãos de garrucha quando subia o morro do cemitério da cidade para encontrar sua amante Luzia, a filha do coveiro Joãozão (Barroso, 1978, p. 259).

E novamente, mudando apenas de parágrafo, chega a vez de emergir, palimpsesticamente, o terceiro livro do ciclo *O Globo da Morte: Divino das Flores* [Barroso, 1981].

[...] o mágico do circo, o misterioso Zeno, hipnotizara Brutus, o urso, e o farmacêutico de Divino das Flores, seu Frates, que absolutamente inconscientes do que faziam, tinham sangrado a faca o motociclista, na beira do rio [Barroso, 1981, p. 259].

No último livro do ciclo, *A Morte do Presidente ou a Amiga de Mamãe* [Barroso, 1994], que a própria autora classifica como “um romance histórico político” é escolhido o mês de agosto, do ano de 1954, data do suicídio do presidente Getúlio Vargas para “matar” também o protagonista maior de todos os romances do ciclo “Parada de Deus”: o capitão Oceano de Moura Alves, o viúvo de Maria Corina. A história principal deste último livro do ciclo se desenvolve em torno do casal Antônio Carlos Rodrigues Arzão e Lygia Procópio Monteiro, do envolvimento desta na política e de sua vontade de mudar-se para o Rio de Janeiro, influenciada por Leda de Freitas, a amiga de mamãe.

As ocorrências de palimpsesto também surgiram no último livro do ciclo e novamente retomaram a morte do motociclista do globo da morte ocorrida no terceiro livro do ciclo, *O Globo da Morte* [1981]:

A notícia de que Zé Pedro Caetano de Melo pedira a antiga trapezista de circo em casamento me foi contada – como não poderia deixar de ser – por meu tio Zepino; ele e Lina tinham sido companheiros no Gran Circo Parlagrecco, quando a trupe se exibira em Divino das Flores, culminando com o trágico assassinato do motociclista alemão, o Hans, que, juntamente com seu parceiro e compatriota, Ralph, fazia o número de maior sucesso, O Globo da Morte [Barroso, 1981, p. 142].

Outra retomada palimpséstica se dá com a narrativa do quarto livro do ciclo, *A Saga do Cavalo Indomado* [1988], com a história do cavalo Negro narrada naquele livro:

Porém em todas as versões daquela mesma história as duas figuras que mais se destacavam eram da própria Maria Olegária e daquele que ficara conhecido como o “cavalo indomado”, que também era chamado de Negro [Barroso, 1988, p. 92].

E ainda a morte de Maria Corina possivelmente pelo ciumento Oceano de Moura Alves, seu marido, na trama principal do primeiro livro do ciclo, *Um nome para matar* [1967]:

Os partidários de Oceano, sempre que havia uma disputa oratória, temiam que o célebre assassinato de sua mulher fosse trazido à baila. Ninguém conseguira esquecer que Oceano, por suspeitar que sua mulher o traía, terminara por trancafiá-la a sete chaves, num quarto da fazenda Degredo: e nesse quarto ela fora encontrada morta, com dois tiros nas costas [Barroso, 1967, p. 168].

É importante destacar, neste texto, que no ciclo Parada de Deus de Maria Alice Barroso, o primeiro livro acaba por contar a história global da família Moura Alves, seus afetos e desafetos. Os outros quatro livros do ciclo retomam personagens e fatos narrados anteriormente como um palimpsesto, um borrão que aparece sob a nova história contada. Ao mesmo tempo que retoma ações e personagens de outros livros do ciclo, Maria Alice Barroso retoma a história de seu chão natal para criar o seu chão ficcional. É possível reconhecer várias partes da história da cidade do Noroeste Fluminense, bem como de seus tipos mais folclóricos e importantes na trama barrosiana. Todo esse artifício narrativo faz da escrita romanesca de Maria Alice Barroso um exemplar cativante da Literatura Brasileira Contemporânea.

Referências

- BAKHTIN, M. **Questões de Literatura e de Estética**: a teoria do romance. São Paulo: Ed. UNESP: Hucitec, 1990.
- BARRETO, R. **Odisseias brasileiras**. Rio de Janeiro: Itáliamiga, 2016.
- BARROSO, M. A. **O Globo da Morte**: Divino das Flores. Rio de Janeiro: Record, 1981.
- BARROSO, M. A. **A morte do presidente, ou, Amiga de mamãe**. Rio de Janeiro: Record, 1994.
- BARROSO, M. A. **Um nome para matar**. Rio de Janeiro: Bloch, 1967.
- BARROSO, M. A. **Quem matou Pacífico?**. 3. ed. Rio de Janeiro: Record, 1978.
- BARROSO, M. A. **A Saga do Cavalo Indomado**. Rio de Janeiro: Record, 1988.
- BENJAMIN, W. **Magia e técnica, arte e política**: ensaios sobre literatura e história da cultura. 7. ed. São Paulo: Brasiliense, 1994. [Obras escolhidas, v. 1].
- FRANCO JÚNIOR, A. “Operadores de leitura da narrativa”. // BONNICI, T.; ZOLIN, L. O. (org.). **Teoria literária**: abordagens históricas e tendências contemporâneas. 2. ed. Maringá: Eduem, 2005.
- GENETTE, G. **Palimpsestos**: a literatura de segunda mão. Trad. Cibele Braga *et al.* Belo Horizonte: Edições Viva Voz, 2010.
- KRISTEVA, J. **Introdução à semanálise**. Trad. Lúcia Helena França Ferraz. São Paulo: Perspectiva, 1974.
- MOISÉS, M. **A Criação Literária**. São Paulo: Cultrix, 1978.
- MONTEIRO, M. **O Assassinato do Coronel Firmo de Araújo**. Miracema: Edição do autor, 1996.
- PAULINO, M. G. R.; WALTY, I. L. C.; CURY, M. Z. F. **Intertextualidades**: teoria e prática. Belo Horizonte: Editora Lê, 1997.
- PÓLVORA, HÉLIO. Prefácio. // BARROSO, M. A. **Quem matou Pacífico?**. 3. ed. Rio de Janeiro: Record, 1978.

INFORMAÇÕES ADICIONAIS**COMO CITAR ESTE ARTIGO SEGUNDO AS NORMAS DA REVISTA**

ABNT: SCHMIDT, A. L. L. C. Maria Alice Barroso e o “Ciclo Parada de Deus”: cinco romances em palimpsesto no chão do Noroeste Fluminense. *Vértices [Campos dos Goytacazes]*, v. 27, n. 2, e27223514, 2025. DOI: <https://doi.org/10.19180/1809-2667.v27n22025.23514>. Disponível em: <https://editoraessentia.iff.edu.br/index.php/vertices/article/view/23514>.

APA: Schmidt, A. L. L. C. (2025). Maria Alice Barroso e o “Ciclo Parada de Deus”: cinco romances em palimpsesto no chão do Noroeste Fluminense. *Vértices [Campos dos Goytacazes]*, 27(2), e27223514. <https://doi.org/10.19180/1809-2667.v27n22025.23514>

DADOS DO AUTOR E AFILIAÇÃO INSTITUCIONAL

Ana Lúcia Lima da Costa Schmidt - Doutora em Ciência da Literatura pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). Coordenadora de disciplinas na UENF/CEDERJ - Campos dos Goytacazes/RJ - Brasil. E-mail: dr.analucialima@gmail.com.

FINANCIAMENTO

A autora não declarou ter havido financiamento externo para a pesquisa que originou este artigo.

APROVAÇÃO DO COMITÊ DE ÉTICA NA PESQUISA

Não se aplica.

CONFLITO DE INTERESSES

A autora não declarou haver conflito de interesses.

DISPONIBILIDADE DOS DADOS

Não se aplica.

DECLARAÇÃO DE USO DE IA

A autora não declarou ter havido uso de ferramentas de inteligência artificial generativa na pesquisa e na escrita do artigo.

DECLARAÇÃO DE DIREITO AUTURAL

Este documento é protegido por Copyright © 2025 pela Autora.

LICENÇA DE USO

Esta obra está licenciada sob uma [Licença Creative Commons](#). Os usuários têm permissão para copiar e redistribuir os trabalhos por qualquer meio ou formato, e também para, tendo como base o seu conteúdo, reutilizar, transformar ou criar, com propósitos legais, até comerciais, desde que citada a fonte.

RESPONSABILIDADE PELA PUBLICAÇÃO

Essentia Editora, coordenação subordinada à PROPPIE do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia Fluminense. As ideias expressadas neste artigo são de responsabilidade de seus autores, não representando, necessariamente, a opinião dos editores ou da Essentia Editora.

NOTA

Este artigo faz parte do Dossiê Temático “Sociedade-Natureza, Economia, Política e Cultura no Noroeste Fluminense e regiões circunvizinhas” selecionado no Edital n. 77/2024 para publicação na *Vértices*.